

Afetividade e sexualidade na adolescência

por **Sílvia Regina de Campos Brandão**

O processo de formação da pessoa atravessa toda a existência humana, e assume matizes diferentes em cada fase da vida. Em cada etapa o homem é chamado a aprofundar o conhecimento de si mesmo, a tornar-se pessoa, a realizar-se como pessoa. O processo formativo diz respeito a um ser vivo com aspirações e perguntas particulares, que se encontra em um determinado momento de sua história, em certo contexto cultural, evoluindo assim a interioridade e o ambiente externo à pessoa.

Assumir a tarefa de educar implica estar disponível a acompanhar os educandos em suas perguntas, a deixar-se tocar pela realidade deles, com suas dificuldades e desafios e, por isso, constitui uma possibilidade constante para o educador aprofundar seu próprio processo formativo. De modo especial quem trabalha com adolescentes é provocado continuamente a olhar para si, a dar razões de seus posicionamentos e responder em primeira pessoa sobre questões emergentes, enfim, é chamado a mostrar seu rosto pessoas que estão em busca do próprio.

Para contribuir para o processo formativo do adolescente é preciso considerar alguns traços presentes no desenvolvimento da pessoa que está adolescente, do ponto de vista de sua interioridade. Em um segundo lugar compreender algumas características da mentalidade atual que influenciam esse desenvolvimento e, por fim, apontar algumas indicações para o educador que se propõe a colaborar na formação integral dos adolescentes que acompanha.

Ser adolescente

A palavra “adolescente” vem do particípio presente do verbo em latim *adolescere*, crescer. Já o particípio passado, *adultus* deu origem à palavra “adulto”. Em português, as palavras seriam equivalentes a “crescente” e “crescido”, respectivamente. Assim, o adolescente é alguém está crescendo, está vivendo uma passagem, deslocando-se de um espaço conhecido e seguro – sua

família – para um universo novo: muitas vezes convidativo e fascinante, outras, arriscado e temido, mas sempre exigente, pois pede uma autonomia que ainda não se configurou. Desaparece aos poucos a segurança oferecida pela família e se torna cada vez mais frequente e decisivo os contatos com as coisas, pessoas, acontecimentos que o exterior propõe.

A insegurança e o medo de enfrentar essa nova condição são amenizados pela constante companhia dos pares, do grupo que pode ser comparada a de uma comunidade de imigrantes que constitui uma referência, um apoio para enfrentar uma realidade desconhecida e inicialmente inóspita.

Nessa etapa da vida, como em todas as outras, faz-se presente certa *tensão*, seja pelo fato de ser uma realidade nova e única, seja porque se apresenta como uma provocação, um chamado que pede uma resposta pessoal. A tensão pelo que ainda não se sabe, particularmente no período da adolescência, é um fator inerente ao processo de crescimento e por isso não deve ser censurada ou evitada; nas palavras de Goethe, “não se caminha só para chegar, mas para fruir o trajeto”¹

As perguntas fundamentais para homem emergem com intensidade na adolescência: quem sou eu? O que me distingue dos outros? O que eu penso? Com quem me identifico? O que vale à pena? Essas questões são acompanhadas pela sensação de saber-mas-não-saber, pela tristeza do ainda não poder e fazem-se presentes de modo particular na relação com educador, na qual o adolescente coloca por meio de circunstâncias corriqueiras e até banais a questão: quem sou eu para você?

Podemos dizer que o grande desafio que se apresenta para o adolescente é a coragem de ser ele próprio, assumir sua própria pessoa, “distinguir-se dos outros como si mesmo, como pessoa livre, capaz de elaborar um julgamento próprio sobre o mundo e sobre sua própria posição, tornando-se si mesmo, poder dizer ‘tu’ na qualidade de ‘eu’”.² Riobaldo ja-junção do Grande sertão veredas expressa essa des-

coberta e consciência fundamental de si: ‘...Eu, quem é que eu era? (...) De ninguém eu era. Eu era de mim. Eu, Riobaldo.’³

O egocentrismo, a desconfiança em relação à posição dos outros (particularmente dos adultos mais próximos: os pais) e certo retraimento, interiorização para aprofundar questionamentos acerca da própria existência são sinais de que o adolescente está entrando em contato com seu próprio eu e procurando apoderar-se de si mesmo. Soma-se a essa crescente tomada de consciência de si a necessidade de experimentação, de descoberta e afirmação das próprias capacidades, que aos poucos devem ser ordenadas para uma autêntica realização.

A dimensão física assume um espaço significativo pelas mudanças no corpo e pela manifestação dos impulsos sexuais. A sexualidade revela-se à consciência humana subitamente como impulso, localizando na dimensão biológica, fisiológica, ainda não compreendido, assimilado ou integrado à personalidade. A intensificação do impulso e desejo sexual são apelos constantes que aos poucos tendem a se inserir no contexto da existência pessoal.

A sexualidade adquire uma direção ou ordenação pela tendência erótica, que envolve a dimensão física e psíquica. Aqui está presente algo além do desejo sexual: a pessoa sente atração pelo jeito de ser do outro, sente-se bem ao lado dele. É a atitude presente em um casal de namorados apaixonados, onde está presente um fascínio pela outra pessoa, não só pelo seu corpo: pelo seu jeito de olhar, falar, pelo modo com o qual se relaciona com os outros, próprio dela, pela sua capacidade excepcional de fazer algo...

O processo de amadurecimento sexual inicia-se pela congruência progressiva das tendências sexuais e eróticas, pois a sexualidade expressa a necessidade de encontro, de comunhão. O *eros* sente em si a falta do amado, quer possuir aquilo que lhe falta e se coloca em caminho para encontrá-lo. Como diz Bento XVI na encíclica *Deus caritas est*: “O *eros* quer-nos elevar « em êxtase » para o Divino, conduzir-nos para além de nós próprios, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos.”

Assim, para se atingir o pleno desenvolvimento

da afetividade e sexualidade é preciso chegar à atitude do amor que é a forma mais elevada possível do enamoramento. No amor a pessoa dirige-se à dimensão mais profundo do ser do outro: presta atenção ao que ele é enquanto pessoa, entra em relação com o que ele tem de único e irrepetível. Quem ama verdadeiramente “não se limita a amar ‘no’ ser amado o que quer que seja, mas ama-o por si mesmo, pelo que ele ‘é’, não pelo que ele ‘tem’.” Quem ama é capaz de ver através da “roupa” da aparência física e psíquica a própria pessoa, para por os olhos nela própria. Por isso, já não se trata aqui de um tipo físico que o excite, de um caráter anímico que porventura apaixone; o que está aqui em apreço é o próprio ser humano, a companheira ou o companheiro enquanto ser incomparável e insubstituível.”⁴

No amor pode-se descobrir a beleza e a realização que surge do abrir espaço para o outro aparecer como um “tu” autônomo, exatamente para que se expresse em sua singularidade: há o recuo do ‘eu’ em favor do ‘tu’. Como explica Bento XVI, o amor *ágape*: “esse vocábulo exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro, superando assim o caráter egoísta que antes claramente prevalecia. Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes procura-o.”

Portanto, o amadurecimento sexual se dá, então, quando se progride no sentido de integrar as tendências sexuais instintivas às dimensões psíquica e espiritual. Esse amadurecimento não é apenas algo aconselhável ou indicado pelos especialistas, mas uma exigência dada pela estrutura do ser pessoal, de tal forma que, se a integração de seus elementos ou dimensões não for alcançada, a pessoa não pode realizar-se plenamente. O desejo de amor, de bem, de beleza que cada pessoa carrega dentro de si não é satisfeito se ela decide por excluir determinados aspectos ou vivê-los pela “metade”, isto é, desvinculando-os da totalidade de seu ser.

Adélia Prado no poema *Ensinamento* nos ajuda a identificar a simplicidade e a doação que estão presentes na experiência do amor:

“Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo.

Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento. Aquele dia de noite, o pai fazendo serão, ela falou comigo:

‘Coitado, até essa hora no serviço pesado’.

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.”

Mentalidade atual

Há alguns traços na forma de pensar contemporânea que exercem forte influência sobre o desenvolvimento afetivo e sexual do adolescente e que necessitam ser consideradas com atenção.

Em primeiro lugar, a tendência utilitarista e dominadora presente diversas esferas da vida hodierna constitui um obstáculo na formação da pessoa. A lógica da posse, do uso muitas vezes permeia os relacionamentos que por isso são vividos como meio para determinado fim: quando se atinge o objetivo, são descartados. O outro é considerado como alguém que pode ser usado, consumido e descartado. Isso acontece nos vários ambientes em que se vive, seja nas situações de trabalho ou de lazer, mas está particularmente presente, na vida dos adolescentes, nas relações afetivas. É o caso do “ficar”, em que já é estabelecido – previa e implicitamente – que as pessoas interajam para obter sensações prazerosas, sem qualquer vínculo ou compromisso posterior. É uma relação de uso, tida como “normal”. O que se busca no outro é o prazer que ele pode dar ou promover: o outro não é encontrado, mas devorado, possuído. A dimensão sexual é destacada, separada da pessoa que, por sua vez, experimenta fragmentação e esfacelamento. Os adolescentes têm clareza sobre a redução que isso significa e, muitas vezes, não sabem como sair ou escapar dessa forma de relacionamento que, num primeiro momento, seduz e depois o entristece.

A ênfase na dimensão corpórea e no domínio, na posse do outro é amplamente difundido e ‘aceito’, como pode ser verificado na canção *Garganta* de Ana Carolina.

Minha garganta estranha quando não te vejo
Me vem um desejo doido de gritar
Minha garganta arranha a tinta e os azulejos
Do teu quarto, da cozinha, da sala de estar
Minha garganta arranha a tinta e os azulejos
Do teu quarto, da cozinha, da sala de estar
Venho madrugada perturbar teu sono
Como um cão sem dono me ponho a ladrar
Atravesso o travesseiro, te reviro pelo avesso
Tua cabeça enlouqueço, faço ela rodar
Atravesso o travesseiro, te reviro pelo avesso
Tua cabeça enlouqueço, faço ela rodar
Sei que não sou santa, vezes vou na cara dura,
Vezes ajo com candura pra te conquistar
Mas não sou beata, me criei na rua
E não mudo minha postura só pra te agradar
Mas não sou beata, me criei na rua
E não mudo minha postura só pra te agradar
Vim parar nessa cidade por força da circunstância
Sou assim desde criança, me criei meio sem lar
Aprendi a me virar sozinha
E se eu tô te dando linha é pra depois
te abandonar.

Outro traço importante é relativismo de valores e a desorientação na sociedade contemporânea. Se por um lado isso favorece a expressão do questionamento e recusa de convenções e imposições, a autenticidade e liberdade para se expressar, por outro gera experiência de desamparo, de desnorreamento. A sensação é de não saber para onde ir, de não ter porto seguro ou referência clara a seguir. Esse contexto é particularmente inóspito para os adolescentes que estão justamente em busca da própria identidade, de valores pelos quais valha a pena viver. A dor pela confusão de valores, pela falta de morada no mundo é expressa no poema *Minha Casa* escrito por Anna Grisolia, uma estudante de Educação Artística da Faculdade Santa Marcelina, e na canção de Vanessa da Mata.

Minha Casa (Anna Grisolia)

Não tenho casa
Estou só
Minha casa não conheço
Só saudades.

Um dia hei de acordar lá
Enquanto isso espero
Aqui ou lá
Sem lugar.

Onde Ir (Vanessa da Mata)

Eu não sei o que vi aqui
Eu não sei pra onde ir
Eu não sei o que vi aqui
Eu não sei pra onde ir

Eu não sei por que moro ali
Eu não sei por que estou
Eu não sei pra onde a gente vai
Andando pelo mundo
Eu não sei pra onde o mundo vai
Nesse breu vou sem rumo

Só sei que o mundo vai de lá pra cá
Andando por ali, por acolá
Querendo ver o sol que não chega
Querendo ter alguém que não vem.

Outra característica marcante, que é uma consequência do relativismo de valores, é a indiferença em relação aos acontecimentos, às outras pessoas, é como se as pessoas ficassem anestesiadas e fosse “normal” não se importar com nada. Tanto faz, na verdade nada interessa a não ser o que a pessoa arbitrariamente estabelece de acordo com gostos ou interesses de uma dada situação ou momento. O que se persegue é o bem estar, o prazer, o sucesso: na sociedade atual não há espaço para a dor, para o sofrimento. Diante de algum sintoma de que as coisas não estão indo bem o mais comum é buscar algum modo anestesiá-lo ou algum especialista que possa resolver o problema. Quem trabalha com os jovens verifica essa resistência a qualquer proposta de reflexão mais profunda que fuja da habitual perspectiva individualista, hedonista.

Nesse contexto, educadores e pais experimentam cotidianamente o desejo, a urgência e, ao mesmo tempo, a enorme dificuldade para apresentar valores aos seus alunos e filhos que favoreçam seu pleno desenvolvimento pessoal e perspectivas mais huma-

nas para a vida social. Na esfera afetiva e sexual a dificuldade de identificar o “valor”, o que é precioso e construtivo para a pessoa parece ainda mais distante e urgente.

Entretanto, apesar do jovem se deparar com a superficialidade, o descompromisso e o uso como modo predominante de estabelecer relações afetivas, com um pouco de atenção, reconhece que essa modalidade mais fácil e sedutora, na verdade não lhe corresponde totalmente, como pode-se constatar em um texto produzido por uma estudante do curso de moda da Faculdade Santa Marcelina.

Cansada (T. S.)

Não deve ser só comigo, não sei bem. Não me dou muito bem com o mundo. É uma grande incapacidade, mais ou menos como a minha relação com a matemática. Não adianta, é assim desde sempre. Eu sei que eu ainda preciso dela para algumas coisas, que minha vida seria um pouquinho melhor se aprendesse a maldita matemática, não adianta: não consigo. Não sei se não consigo ou não tento o suficiente, mas aí já entra em outra questão e desvia completamente o assunto. Que sou eu e o mundo. O mundo dos milhares de ficantes, dos quase amigos, das CPIs. (...)

É terça-feira de noite e estou enrolada num cobertor, conversando com um grande amigo, ouvindo o telejornal e tentando realizar o trabalho sobre a pós-modernidade. Está um frio enorme, daqueles de doer. Frio que deixa a gente até meio tonto, meio cinza. E eu não consigo parar de pensar nas crianças que moram sozinhas embaixo daquele viaduto com pinturas modernistas. E todas as outras crianças?

Como é que o presidente dorme? Será que ele fica ouvindo uma vozinha estridente e irritante – também conhecida como consciência – que fica lá no fundo gritando: poxa Lula, você chegou aqui pra isso. É companheiro, grande companheiro, cadê suas ideologias. Pra onde foram? Cadê tudo aquilo que você acreditava, cadê tudo pelo que você lutou? Você enviou junto com o mensalão?

Se enviar, eu também quero. Dinheiro não. Dinheiro e poder corrompem. Quero esperança. E não

é só a política que me enlouquece. A crise acontece dentro de um mundo em crise.

Por exemplo, todas as meninas da minha idade passam o sábado a noite se emperequetando para saírem. Eu também. Todas as meninas da minha idade querem se apaixonar. Eu também. Todas as meninas da minha idade se sentem mulheres fatais quando entram nas danceterias mal iluminadas e com músicas de péssimo gosto (o que é outro problema no mundo já que, sinceramente depois de ouvir a Sagração da Primavera anda tão difícil achar alguma coisa boa tocando perdida num rádio). Eu não. Sinto pena. Uma mistura de dó com repulsa. Porque no fim, elas voltam sozinhas pra casa. E eu também. E a gente fica sozinho, por maior que tenha sido o número de beijos da noite.

E então, boa parte das pessoas fica vazia e amargurada. As coisas se tornam superficiais, fúteis, épicas e ardentes. Onde era cheio, oco. Banalização. Por isso a gente é obrigada a ouvir no meio de uma incrível discussão sobre política na aula alguém levantar a mão e dizer como acha aquilo desnecessário. Para que discutir política na aula, ninguém entende mesmo, ninguém sabe de tudo que acontece, a gente faz é moda. E ainda engolir seco. Perder o brilho no olhar. Por que, no fundo, quem sou eu para me meter com adolescentes que só se importam com seus mundos adolescentes?

Pode ser prepotência minha. Eu também sou egoísta e passo boa parte do meu tempo afundada nos meus problemas, rindo com os meus amigos, lendo os meus livros, pintando as minhas unhas. Não que todas as outras meninas do mundo não pensem nos outros. Ou que eu seja alguma espécie de Madre Tereza ou algo parecido.

Isso é só pra explicar que eu não entendo o mundo. E não me dou bem com ele. É difícil entender, ainda mais aceitar.

E no fim a gente vive numa grande ressaca

Indicações para trabalho formativo

Como é possível descobrir o próprio eu, encontrar o outro num contexto marcado pelo utilitarismo, o ceticismo, a indiferença, a distância de si mesmo e dos outros? Como é possível formar integralmente a pessoa imersa nessa mentalidade reducio-

nista?

Para educar é necessário ser uma pessoa viva, empenhada com a própria humanidade e ser capaz de acolher integralmente o outro. Se o adolescente encontra no educador acolhimento às suas perguntas e anseios mais profundos, se é ajudado para levá-los a sério, descobrirá que deles surge um tipo de satisfação e correspondência inimaginável. Suas exigências de verdade, de bem, de beleza, de justiça, tornam-se critério para identificar o que aperfeiçoa, favorece o seu desenvolvimento e o que o atrapalha e destrói.

A riqueza do desenvolvimento pessoal, da própria afetividade e sexualidade se revela quando, atravessando a aparência das coisas, torna-se possível olhar com sinceridade e profundidade para si próprio, para o outro, para a realidade. Assim, é preciso que o adolescente se pergunte: isso que estão me propondo ou isso que estou vivendo é verdadeiro? Ajuda-me a ser eu mesmo? Enriquece ou empobrece a minha pessoa? Que relacionamentos ou que situações são morada para mim e quais são inóspitos? Por quê?

Desse modo, no relacionamento com o educador o jovem aprende a julgar a mentalidade dominante e a orientar seus desejos, impulsos e afetos na direção da realização plena de sua pessoa. Buscar o que é verdadeiro e aderir a ele ajuda a dilatar a razão e o coração, conduz à descoberta do amor como caminho de realização pessoal, isto é, como a forma mais verdadeira e correspondente de realizar-se em sua afetividade e sexualidade. Como diz o Papa Bento XVI na encíclica, *Deus caritas est* “o amor é uma única realidade, com distintas dimensões – *eros* e *ágape* – quanto mais encontram a justa unidade tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor.”

Notas:

1 - GUARDINI, R. *A aceitação de si mesmo*. São Paulo: Palas Athena, 1987, p. 64.

2 - Ibidem, p.56

3 - ROSA, J. G. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.129.

4 - FRANKL, V. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante, 1989, p.176.